



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

CINDY TAVARES

BOCA DE RUA, NARRATIVAS E COMUNICAÇÃO:

Uma análise de periódico produzido por pessoas em situação de rua

Brasília

2019

CINDY TAVARES

BOCA DE RUA, NARRATIVAS E COMUNICAÇÃO:

Uma análise de periódico produzido por pessoas em situação de rua

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social da Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social – Comunicação Organizacional.

Orientador: Prof. Dr. Sivaldo Pereira.

Brasília

2019

CINDY TAVARES

BOCA DE RUA, NARRATIVAS E COMUNICAÇÃO:

Uma análise de periódico produzido por pessoas em situação de rua

Projeto experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social da Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Organizacional.

Banca examinadora

Prof. Dr. Sivaldo Pereira (orientador) _____

Professor da Faculdade de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (UnB).

Prof.^a Dr.^a. Kênia Figueiredo (membro titular) _____

Professora do Departamento de Serviço Social e do Programa de Pós-Graduação em Política Social da Universidade de Brasília (UnB).

Prof.^a Ms.^a. Gisele Pimenta (membro titular) _____

Professora Voluntária da Faculdade de Comunicação e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social pela Universidade de Brasília (UnB).

Prof.^a Dr.^a. Dione Moura (suplente) _____

Professora da Faculdade de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (UnB).

Brasília

2019

De todo o amor que eu tenho
Metade foi tu que me deu
Salvando minh'alma da vida
Sorrindo e fazendo o meu eu

Se queres partir ir embora
Me olha da onde estiver
Que eu vou te mostrar que eu to pronta
Me colha madura do pé

Salve, salve essa nega
Que axé ela tem
Te carrego no colo e te dou minha mão
Minha vida depende só do teu encanto
Cila pode ir tranquila
Teu rebanho tá pronto

Teu olho que brilha e não para
Tuas mãos de fazer tudo e até
A vida que chamo de minha
Neguinha, te encontro na fé

Me mostre um caminho agora
Um jeito de estar sem você
O apego não quer ir embora
Diixo, ele tem que querer

Ó meu pai do céu, limpe tudo aí
Vai chegar a rainha
Precisando dormir
Quando ela chegar
Tu me faça um favor
Dê um manto a ela, que ela me benze aonde eu for

O fardo pesado que levas
Deságua na força que tens
Teu lar é no reino divino
Limpinho cheirando alecrim

Composição: Maria Gadú

O presente trabalho é dedicado à minha avó,
Marielza Luiz Tavares, que partiu em janeiro
deste ano, mas permanece viva em minha
mente e coração

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, a Deus pela vida, bênçãos e oportunidade de concluir mais um ciclo em uma das mais renomadas universidades brasileiras.

O agradecimento principal do trabalho, assim como a dedicatória, vai para a minha avó, Marielza Luiz Tavares, que me ensinou valores que levarei por toda a vida. Ela sempre foi a maior incentivadora da promoção à educação e inclusão. O legado de vida dela está presente em mim e em tantas outras pessoas que tiveram a oportunidade de conhecê-la. Sei que ela me guarda e protege mesmo não fazendo mais parte do plano material em que vivemos.

A minha mãe, Luciana Luiz Tavares, assim como a minha avó, merece toda a minha gratidão e amor. Meu coração é só alegria por saber que tenho uma parceira para todos os momentos, que torce pelo meu sucesso e não mede esforços para me garantir o melhor. Está para existir pessoa mais companheira, guerreira e, por mais que ela tente disfarçar, carinhosa.

Um super agradecimento ao meu namorado, Herbertt Teixeira Carneiro. A atenção e paciência dele foram essenciais em todos os momentos, tenho muita sorte por tê-lo. Sempre companheiro, tem o hábito de reservar um elogio ou piada para melhorar as minhas perspectivas em relação a vida e sonhos. É por essas e outras que tenho a certeza de que ele é o amor da minha vida.

A ajuda de minha prima, Emily Mourão, e de meu amigo, Paulo Queiroz, na revisão foi essencial ao processo de conclusão do presente trabalho, a eles todo o meu carinho. Gostaria de frisar que eles podem contar comigo para o que der e vier.

Não posso deixar de lembrar o meu tio, Breitner Luiz Tavares, que é responsável pela construção do meu amor pela UnB e todos os outros membros de minha família por sempre me desejarem o melhor.

Gostaria de agradecer a todo o corpo docente e técnico da Faculdade de Comunicação, em especial a meu orientador, Sivaldo Pereira, que me guiou com sabedoria até a conclusão do presente trabalho.

RESUMO

As pessoas em situação de rua possuem pouco destaque no âmbito da comunicação social, apesar disso, existe a International Network of Street Papers, fundada em 1994, que insere esses grupos vulneráveis no âmbito da produção jornalística e torna a venda de periódicos sua fonte de renda. O Brasil, dentre os 35 países integrantes da rede, é o único a possuir um jornal produzido integralmente por pessoas em situação de rua, o *Boca de Rua*. A presente monografia busca o entendimento das representações presentes no *Boca de Rua* e as perspectivas de inserção social de pessoas que construíram suas vivências no ambiente da rua. A pesquisa buscou discutir o lugar dos moradores de rua e as políticas de inclusão para, em seguida, caracterizar o veículo trazendo dados sociodemográficos dos participantes e também a análise de conteúdo de um conjunto de capas publicadas pelo jornal. Os resultados demonstram que boa parte das narrativas possuem aspectos denunciativos em relação à luta por subsistência e visibilidade social. O *Boca de Rua* se estabelece como provedor de protagonismo social a indivíduos em alto grau de vulnerabilidade.

PALAVRAS-CHAVE: situação de rua; comunicação comunitária; sociabilidade; jornalismo público; Boca de Rua.

ABSTRACT

Homeless people have little prominence in the media, but there is an International Network of Street Papers which places these vulnerable groups within the scope of journalistic production and make the sale of journals their source of income. Brazil, among the 120 member countries of the network, is the only one to have a newspaper produced entirely by street people, the *Boca de Rua*. This monograph seeks to understand the representations present in *Boca de Rua* and the perspectives of social insertion of people who have built their experiences in the street environment. The content is based on sociodemographic data and quantitative and qualitative research. The research sought to discuss the place of the homeless and the policies of inclusion to then characterize the vehicle bringing sociodemographic data of the participants and also the content analysis of a set of covers published by the newspaper. The results show that most of the narratives have denunciative aspects regarding the struggle for subsistence and social visibility. The *Boca de Rua* establishes itself as provider of social protagonism to individuals in high degree of vulnerability.

KEYWORDS: street situation; community communication; sociability; public journalism; Boca de Rua.

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	8
1.1 – Contexto e temática	8
1.2 – Problema de pesquisa e objetivos	9
1.3 – Estrutura da monografia	10
2 – VULNERABILIDADE SOCIAL, MORADORES DE RUA E MÍDIA	11
2.1 – Exclusão, assistência social e políticas públicas para moradores de rua.....	11
2.2 - A situação de rua e a comunicação.....	16
3 – JORNAL BOCA DE RUA: COMUNICAÇÃO, NARRATIVA E INCLUSÃO.....	20
3.1 - Boca de Rua: estrutura e inserção.....	20
3.2 – Parâmetros metodológicos e corpus da análise	23
3.3 – Morfologia e funcionamento	26
3.4 – Análise de conteúdo.....	35
4 - CONCLUSÃO	42
5 - REFERÊNCIAS	45
6- ANEXOS	49

1 – INTRODUÇÃO

1.1 – Contexto e temática

Existem diferentes designações para os indivíduos que se encontram em situação de rua. De acordo com o Decreto nº 7.053/2009¹, o indivíduo intitulado como morador de rua é aquele que está integrado a um grupo populacional heterogêneo, em estado de pobreza extrema, que apresenta vínculos sociais interrompidos e falta de moradia convencional regular.

O 1º Censo e Pesquisa Nacional sobre a Situação de Rua² identifica que o processo de vulnerabilidade social desses indivíduos é marcado, principalmente, por fatores externos. Ainda de acordo com a pesquisa, cerca de 35,5% declararam ter problemas com alcoolismo e drogas, 28,8% disseram estar na rua por falta de emprego, assim como 29,1% afirma ter saído de casa, por causa de problemas com a família. Além dos motivos destacados, não se pode ignorar o fato da escolha pessoal ter grande interferência no processo de permanência desses indivíduos na rua. Segundo Cunha e Rodrigues:

Considerando-se as razões apontadas, há uma que não aparece expressivamente nos relatos, mas que merece ser destacada: a escolha pessoal pela rua como opção de moradia. Apesar de não aparecer como razão principal da saída de casa, esta questão deve ser considerada na medida em que, mesmo quando as razões explicitadas envolvem desentendimentos familiares ou ameaças e violências sofridas dentro do ambiente familiar, há um grau de escolha própria para ir para a rua (CUNHA; RODRIGUES, 2009, p. 87).

De acordo com estudo publicado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)³, publicado em 2016, no país existem cerca de 101.854 pessoas em situação de rua. Porém, poucos são os dados oficiais referentes aos indivíduos nesta condição, cenário que se repete em volume de pesquisas acadêmicas e até produções jornalísticas nacionais e locais.

Embora a marginalização do grupo em situação de rua seja intensa, existe uma série de políticas públicas e ações afirmativas, cujo intuito está relacionado à promoção da cidadania e visibilidade social. As proteções direcionadas ao público em vulnerabilidade no Brasil estão estruturadas nos pilares da seguridade social, que compreende saúde, previdência e assistência social. Esta última tem caráter não contributivo e está voltada a quem dela necessitar. O

¹Palácio do Planalto (2009)

²Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (2009)

³Disponível em:

< http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=29303>

primeiro marco da assistência social se deu com a promulgação da Constituição (CF) de 1988, que a configurou como política pública e não mais como desdobramentos filantrópicos.

Estratégias de empoderamento de pessoas em situação de rua são executadas há dezoito anos pelo jornal *Boca de Rua*, vinculado à Agência Livre para Informação, Cidadania e Educação, cadastrada no Conselho de Assistência Social Municipal, e único integrante da *International Network of Street Papers*⁴ a executar um jornal inteiramente produzido por pessoas nessa condição.

O reestabelecimento de vínculos e de perspectivas são os temas principais da presente monografia. O trabalho apresentará preceitos do jornalismo público e comunicação comunitária, cujo objetivo é ajudar a estimular a cidadania, a fim de levar os indivíduos a se envolverem em debates mais profundos sobre assuntos que permeiam o corpo social.

1.2 – Problema de pesquisa e objetivos

O Brasil é o único integrante da *International Network of Street Papers* a possuir um jornal produzido por pessoas em situação de rua, o *Boca de Rua*. Os papéis de produtor, fotógrafo e até mesmo repórter são executados por esses indivíduos que colocam nas páginas do periódico suas vivências e perspectivas de mundo.

O intuito deste Trabalho de Conclusão de Curso é analisar as narrativas dos indivíduos que produzem o *Boca de Rua*, por meio da verificação de capas e matéria principais de dezenove edições do jornal. Todo o conteúdo será proposto para responder à pergunta: “Quais são as narrativas de pessoas em situação de rua quando inseridas em papéis de protagonismo na produção de conteúdos como um jornal?”

O objetivo do presente trabalho é identificar as narrativas desenvolvidas por pessoas em situação de rua que formulam o jornal *Boca de Rua*.

O intuito é compreender como as orientações coletivas e as estruturas do jornal *Boca de Rua* funcionam na prática, assim como mapear as representações construídas por esses indivíduos. Como objetivos específicos:

⁴ Organização, fundada há 25 anos, que apoia o desenvolvimento de periódicos de rua e fomenta a autonomia de pessoas em situação de vulnerabilidade social em 35 países.

- Realizar levantamento de perfis de indivíduos em situação de rua, por meio das narrativas presentes nas capas de 19 edições do *Boca de Rua*;
- Mapear as práticas, os valores notícia e as técnicas de captação de imagem e escrita presentes no jornal;
- Delimitar iniciativas de inclusão de pessoas em situação de rua, por meio de periódicos.

1.3 – Estrutura da monografia

Para atingir os objetivos propostos nesta pesquisa, a seguinte monografia segue dividida em um total de cinco partes. O capítulo intitulado como “Vulnerabilidade social, moradores de rua e mídia” apresenta um levantamento geral sobre aspectos históricos do surgimento da situação de rua, bem como do desenvolvimento de políticas públicas no âmbito da assistência social. Este trecho também contém informações acerca do nascimento e importância da comunicação comunitária e do jornalismo público à promoção de uma comunicação mais democrática e igualitária.

O capítulo seguinte foi intitulado como “Jornal *Boca de Rua*: comunicação, narrativa e inclusão” e compreende aspectos referentes ao surgimento do projeto e de como é composta a logística e organização do periódico como um todo. Esta divisão também apresenta a metodologia utilizada na composição do estudo das capas e matérias principais de dezenove edições do periódico e a análise em si. Os demais capítulos foram destinados à conclusão, referências bibliográficas e aos anexos.

2 – VULNERABILIDADE SOCIAL, MORADORES DE RUA E MÍDIA

2.1 – Exclusão, assistência social e políticas públicas para moradores de rua

O surgimento dos indivíduos em situação de rua em contexto global se apresentou dois momentos determinantes: o período medieval (XI) e a revolução industrial (XVIII): Denominada como idade das trevas, a idade Média foi um período marcado por extrema pobreza, epidemias e devastação sociodemográfica. Já a revolução industrial impulsionou o surgimento da forma de mendicância que se perpetuou para a contemporaneidade. O crescimento industrial desencadeou um êxodo rural desordenado de indivíduos para os centros das grandes cidades que, infelizmente, não possuíam espaço para um desenvolvimento social e econômico igualitário, de acordo com Klaumann (2015).

Segundo Stoffels (1977), a designação de pessoas que moram nas ruas mudou com a chegada do século XX. A autora conta que esses indivíduos passaram a ser divididos de duas formas distintas, como “vadios” e “marginais”.

Os indivíduos que moram na rua apresentam dinâmicas próprias, embora não existam regras preestabelecidas dentro dessa segmento social, eles aderem a algumas estratégias de organização.

Dentre os fatores que interferem na constituição e estabilidade dos grupos de moradores de rua encontram-se intrinsecamente associados o tecido relacional interno ao grupo e o espaço urbano ocupado, sua territorialidade. Os grupos estabelecem um cotidiano onde são compartilhadas estratégias de sobrevivência filosófica e rendimentos (o produto da esmola, alimentos, informações sobre locais propícios ao pedido, repouso, obtenção de documentos e assistência em geral), por sua vez, condicionadas ao tipo de espaço urbano ocupado(ESCOREL, 2000, p. 147).

No Brasil os primeiros *mendigos* eram escravos alforriados que receberam suposta liberdade. Esses indivíduos foram encarregados de se manter em uma sociedade racista que tinha dificuldade de lhes aceitar fora da condição de serviçais. Em meados do século XX, o desenvolvimento industrial passou a impactar as cidades brasileiras, de forma mais efetiva, fazendo com que as características das pessoas em situação de rua passassem a ser mais parecidas com o que ocorre na sociedade atual, concepção defendida por Klaumann (2015).

A progressão de políticas de amparo às pessoas em situação de rua no Brasil se deu de forma tardia, apresentando conjuntura formal e mais eficaz ao final do século XX. Em

1993, foi firmada a Lei Orgânica de Assistência Social – LOAS que prevê em seu artigo 23, parágrafo II, que no âmbito da organização dos serviços da assistência social serão criados programas de amparo a pessoas que vivem em situação de rua.

A assistência social, direito do cidadão e dever do Estado, é Política de Seguridade Social não contributiva, que prevê os mínimos sociais, realizada através de um conjunto integrado de ações de iniciativa pública e da sociedade, para garantir o atendimento às necessidades básicas.

Outro dispositivo legal de grande relevância no contexto da assistência é o Sistema Único de Assistência Social (SUAS), instituído pela Política Nacional de Assistência Social (PNAS) em 2005, quase doze anos após a instituição das LOAS que foi em 1993. Este sistema tem caráter descentralizado e participativo que, de acordo com a Secretaria Nacional de Desenvolvimento Social, tem suas ações organizadas da seguinte forma:

Os programas, projetos, serviços e benefícios devem ser desenvolvidos nas regiões mais vulneráveis, tendo a família como foco de atenção. As ações da assistência social no Suas são organizadas em dois tipos de proteção: básica e especial, e desenvolvidas e/ ou coordenadas pelas unidades públicas: Centros de Referência da Assistência Social (CRAS), Centros de Referência Especializados de Assistência Social (CREAS) e Centros de Referência Especializado para a População em Situação de Rua (Centro POP) e de forma complementar, pela Rede Socioassistencial Privada do Suas. (SECRETARIA NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL⁵)

É importante salientar que a organização da assistência social e a promoção de direitos envolvem todos os entes federativos, mas também se dá com intermédio da população e de entidades, como disposto no Art. 6º-C. da LOAS.” As proteções sociais, básica e especial, serão ofertadas precipuamente no Centro de Referência de Assistência Social (Cras) e no Centro de Referência Especializado de Assistência Social (Creas), responsável pelo atendimento à pessoa em situação de rua, respectivamente, e pelas entidades sem fins lucrativos de assistência social”, de acordo com a Secretaria Nacional de Desenvolvimento Social.

A discussão do tema é bastante relevante, tendo em vista a pertinência da temática ao cenário nacional, que de acordo com estudo do Instituto de Pesquisa Econômica (Ipea), publicado pelo Centro Internacional de Políticas para o Crescimento Inclusivo do Programa

⁵ Disponível em:
< <http://mds.gov.br/acesso-a-informacao/mds-para-voce/carta-de-servicos/gestor/assistencia-social/suas>>

das Nações Unidas para o Desenvolvimento (IPC-IG/PNUD), está entre os cinco mais desiguais do mundo⁶.

Ainda que comparações internacionais sejam sempre imperfeitas e a amostra seja enviesada em prol de países mais ricos, o Brasil é claramente um ponto fora da curva. Somos um entre apenas cinco países – com a África do Sul, Argentina, Colômbia e Estados Unidos – em que o 1 por cento mais rico recebe mais de 15 por cento da renda total. (IPEA, 2017, p. 2).

Dispositivos legais cujo intuito é alterar a desigualdade social estrutural no Brasil possuem pouca efetividade material. Ainda que o país ocupe posições preocupantes, a assistência social não é tomada como prioridade, embora esteja incluída nos orçamentos dos entes e abarcada no Plano Plurianual⁷. Há uma espécie de absentéismo por parte do poder público no que tange a ações efetivas nesse âmbito, principalmente de redistribuição de renda o que faz com que haja uma naturalização da pobreza no país.

Está bastante arraigada no país a valorização do terceiro setor em detrimento da promoção de uma política de Estado realmente efetiva, essa tendência está embasada em estratégias neoliberalistas, cuja perspectiva central é a menor intervenção do Estado. Este panorama possui bastante influência de perspectivas neoconservadoras que se encontram em ascensão no Brasil.

“[...] a nossa representação política não está dando as respostas que a sociedade quer. Tanto é verdade que as organizações não governamentais se fortalecem em todo país na esteira desse grande conceito que é organicidade social. As ONGs se adensam em função da crise que solapa a representação política, cada vez mais afastada da sociedade, porque banhada pelas mazelas tradicionais que conhecemos muito bem e que se projetam sobre a administração pública”. (REGO, 2002,pg,14)

O descaso para com as pessoas em vulnerabilidade também se reflete na mídia que contribui para a intensificação da situação de marginalização com a veiculação de vieses negativos. A circulação de um jornal que busca a desmistificação de estigmas e promove a cidadania de grupos excluídos gera grandes avanços no que concerne ao entendimento das concepções de grupos excluídos e desenvolvimento de ações.

Por isso, é de grande valia uma análise crítica do discurso midiático para que possamos apontar os elementos que fazem, dele, um discurso preconceituoso que se alimenta do negativo para alimentar a concorrência do sensacional (VILLAS BOAS, 2007, p. 32).

⁶ Estudo disponível em:
<https://ipcig.org/pub/port/OP370PT_A_concentracao_de_renda_no_topo_no_Brasil.pdf >

⁷ Plano quadrienal de planejamento orçamentário.

Apesar da amplitude do tema e do estabelecimento de políticas públicas, as estimativas e conceituações que dizem respeito aos indivíduos e famílias em situação de rua

ainda estão em processo de composição. Existe uma deficiência no que diz respeito a discussões sobre o tema.

[..] é perceptível um desenvolvimento no sentido de se elaborar uma definição menos censitária, não atribuindo, por exemplo, um único fator característico- ter ou não casa - é inegável, ainda, o curto alcance do termo quando se trata de definir as várias perspectivas sociais, culturais e econômicas acerca desta população. (JABUR; TAVARES; SILVA; MARTINS, 2015, p. 80).

É importante salientar que o Movimento Nacional de Pessoa em Situação de Rua se articula para garantir maior visibilidade às demandas das pessoas e famílias em situação de rua, a partir da luta contra a violação de direitos civis, políticos e culturais. Este movimento é constituído por pessoas em situação de rua e demais interessados pela causa da legitimação da luta por igualdade e efetivação dos direitos à dignidade da pessoa humana.

Outro marco importante para o fortalecimento da discussão foi a instituição da Política Nacional de Pessoas em Situação de Rua (PNPR), em 2009, a qual instituiu comitês gestores intersetoriais, integrados por representantes das áreas relacionadas ao atendimento da população em situação de rua. De acordo com o Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos (MDH), a política tem a seguinte atribuição:

A PNPR garante os processos de participação e controle social e possui entre seus princípios, além da igualdade e equidade, o respeito à dignidade da pessoa humana; o direito à convivência familiar e comunitária; a valorização e respeito à vida e à cidadania; o atendimento humanizado e universalizado; e o respeito às condições sociais e diferenças de origem, raça, idade, nacionalidade, gênero, orientação sexual e religiosa, com atenção especial às pessoas com deficiência.⁸ (MDH, 2009)

O MDH prevê seis políticas de ação continuada para o suporte desses indivíduos, por meio da abordagem social que garante promoção do acesso à rede de serviços socioassistenciais⁹ que, são ofertados pelo Centro de Referência Especializado em Assistência

⁸ Disponível em: <https://www.mdh.gov.br/navegue-por-temas/populacao-em-situacao-de-rua/politica-nacional-para-a-populacao-em-situacao-de-rua>

⁹ Embora haja uma série de ações socioassistenciais, é notória a falta de articulação do governo no sentido de efetivação da assistência social no Brasil. Há uma espécie de necropolítica que tende a enfraquecer os sistemas, de forma a justificar, subjetivamente, o seu desmonte e eventual morte.

Social (CREAS), responsáveis pela promoção de serviços e média e alta complexidade segundo o portal do MDH, consistem em:

Quadro 1

Política Pública	Atribuições
Centros Pop	Unidade pública e estatal, de referência e atendimento especializado à população adulta em situação de rua, no âmbito da Proteção Social Especial de Média Complexidade do SUAS, do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. A unidade deve representar espaço de referência para o convívio grupal, social e o desenvolvimento de relações de solidariedade, afetividade e respeito.
Acolhimento	A especificidade desses serviços está na oferta de atendimento integral que garanta condições de estadia, convívio e endereço de referência, para acolher com privacidade pessoas em situação de rua e desabrigo por abandono, migração, ausência de residência ou pessoas em trânsito e sem condições de autossustento.
Consultórios na rua	O Consultório na Rua é uma proposta do Ministério da Saúde que procura ampliar o acesso da população em situação de rua e ofertar, de maneira mais oportuna, atenção integral à saúde, por meio das equipes e serviços da atenção básica.
Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego – PRONATEC POP RUA	Compõe parte das ações do Ministério da Educação e tem como finalidade assegurar a oportunidade de qualificação profissional às pessoas em situação de rua identificadas pelos órgãos estaduais, distrital e municipais que desenvolvem políticas e ações destinadas a esse público, objetivando a sua inserção no mercado de trabalho.
Economia Solidária	O objetivo deste Edital é a seleção de projetos que tornem mais eficaz o fomento às iniciativas de inclusão socioeconômica da População em Situação de Rua por meio de empreendimentos econômicos solidários, com vistas à superação da pobreza extrema, no âmbito do Plano Brasil Sem Miséria.

2.2 - A situação de rua e a comunicação

As pessoas em situação de rua são dificilmente apresentadas pela mídia, isto é perceptível, a partir da observação do volume de conteúdo produzido acerca desses indivíduos. A posição de vulnerabilidade, talvez, seja o que distancie a realidade de quem está nas ruas dos holofotes do jornalismo, que tende a propagar informações de interesse de grupos hegemônicos de grande influência política e econômica.

Para Ferreira e Alves (2015), a mídia possui uma linguagem voltada para os grandes setores. O posicionamento dos grandes veículos de comunicação surge como consequência à marginalização criada pela sociedade sobre pessoas que não se encontram em contextos formais de sociedade, tendo em vista seu caráter formador de opinião. “A invisibilidade dos moradores de rua não está presente só na sociedade, mas também nos meios de comunicação”, segundo os autores (p. 22).

As representações feitas pela mídia são pautadas por critérios de noticiabilidade, classificação que hierarquiza as informações, de acordo com critérios de relevância. O grau de importância que cada assunto carrega é o que define se o tema será abordado e de que forma pode-se dar a melhor condução para que chame a atenção da sociedade.

Compreendendo noticiabilidade como todo e qualquer fato potencialmente capaz de agir no processo da produção da notícia, desde características do fato, julgamentos pessoais do jornalista, cultura profissional da categoria, condições favorecedoras ou limitantes da empresa de mídia, qualidade do material (imagem e texto), relação com as fontes e com o público, fatores éticos e ainda circunstâncias históricas, políticas, econômicas e sociais (SILVA, 2005, p. 2).

Ainda, segundo Ferreira e Alves (2015), os excluídos são menos capazes de controlar sua própria representação e incapazes de se expressar na linguagem exigida pela grande mídia. Ainda, sua vida habitual não configura assunto relevante, para os critérios que regem o jornalismo comercial contemporâneo.

No intuito de produzir narrativas menos excludentes, algumas formas de comunicação tem sido desenvolvidas, buscando inserir no processo de mediação determinados valores e princípios mais pluralistas. O jornalismo público e a comunicação comunitária são duas frentes importantes neste sentido.

O jornalismo público nasce como forma de estimular a cidadania, a fim de levar os indivíduos a se envolverem em debates mais profundos sobre assuntos que permeiam o corpo

social. Essa temática tomou forma em 1990 nos Estados Unidos, como estratégia de retomada da credibilidade dos jornais, e fuga do padrão isento e objetivo que é pregado no jornalismo tradicional, de acordo com Monteiro e Moura (2012).

No Brasil, essa nova forma de se tratar a notícia já está expressa em veículos de comunicação tradicionais e de credibilidade, sendo mais explorada por canais de comunicação pública, como a TV Cultura. Esse modelo se desenvolveu, com o intuito de fomentar temáticas sociais que outrora eram tratadas de forma impessoal e distante. Assim como é tratado por Costa:

Os jornalistas públicos partem da premissa de que é necessário reanimar o debate público, pois a informação por si só não é suficiente. É necessário interpelar o cidadão para que ele participe. Desse modo, propõe-se uma nova dinâmica da vida em sociedade, tendo a imprensa um fundamental papel não só como mediadora, mas como espaço de mediação. De simples observadores isentos, os jornalistas passam a ser atores. Portanto, diz respeito direto às relações entre política e jornalismo (COSTA, 2006, p. 127).

O presente trabalho se pauta na temática de jornalismo público, pois trata dos aspectos referentes a narrativas construídas por pessoas em situação de rua, com o propósito de explicitar a legitimidade dos discursos e representações.

O Brasil possui problemas estruturais no que tange o acesso e participação social no campo da produção comunicacional, tendo em vista que, historicamente no tocante aos canais radiofônicos e televisivos, por exemplo, grande parte das concessões está restrita a pequenos grupos de alta articulação econômica e política. A falta de regulação auxilia a manutenção de um modelo que pouco contribui para a articulação da sociedade civil e suas manifestações. De acordo com Venício Lima e Sérgio Capparelli:

[...] são a expressão histórica da construção do nosso sistema de comunicações que, por sua vez, faz parte de uma estrutura mais ampla de poder e de uma tradição oligárquica que se reproduz também em outros setores de nossa sociedade (2004, p. 27).

A comunicação comunitária surge como uma forma de democratização da comunicação, de modo a possibilitar a ação de agentes que não possuem espaço na mídia convencional. Por se tratar de uma comunicação feita para legitimar diversos tipos de sujeitos e discursos, sem recortes pré-definidos, uma definição específica que classifique o modelo ainda não é um consenso geral entre os teóricos da área.

[...] inserida na conjuntura sócio-econômica, política e cultural, ou seja, àquela comunicação de 'resistência' às condições concretas de existência, ligada aos movimentos e organizações populares de setores das classes subalternas, vinculadas a lutas pela melhoria das condições de existência, numa palavra, em defesa da vida (PERUZZO, 1995, p. 30).

Os primeiros traços da comunicação comunitária surgiram na América Latina na década de XX com a mobilização da chamada comunicação alternativa, realizada na época, principalmente, por grupos sindicais e operários em defesa de questões referentes a interesses de categorias trabalhistas, ideia confirmada por Festa (1986) “a comunicação popular nasce efetivamente a partir dos movimentos sociais, mas, sobretudo da emergência do movimento operário e sindical, tanto na cidade como no campo”.

O novo modelo participativo e horizontal também era chamado de comunicação popular que em meados de 1990 deu origem ao que intitulamos de comunicação comunitária. Os modelos têm divergências entre si, porém conservam a perspectiva de mobilização de segmentos excluídos que desenvolvem narrativas, por meio de veículos próprios, em prol da legitimação de seus discursos.

O autor Mário Kaplún (1985) descreve a comunicação comunitária como geradora de protagonismo popular, assim como libertação e transformação. Ao contrário da mídia de massa, a comunicação comunitária surge sem grandes aportes, mas ganha legitimidade por gerar pertencimento e novas possibilidades. O advento e desenvolvimento de novas tecnologias facilitou a estruturação de grupos em prol da efetivação do novo modelo em diversos âmbitos, de forma a construir uma rede solidária de inclusão.

[...] uma indagação sobre as possibilidades de resposta da sociedade civil à voracidade economicista das elites contemporâneas. A palavra comunidade tem aparecido como investida de um poder de resgate da solidariedade humana ou da organicidade social perdida (PAIVA, 1998, p.11).

Porém, é importante delimitar que integração digital não é sinônimo de integração social, tendo em vista que os indivíduos fora de sistemas organizados transitam com facilidade entre os meios digitais, o que não altera suas condições de vulnerabilidade social.

A internet pode ser utilizada por esses indivíduos como forma de fuga social, tendo em vista que no meio digital existem possibilidades de se alterar contextos e minimizar aspectos pessoais vinculados à vulnerabilidade e assim, proporcionar um ambiente de menor discriminação.

O caminho para a inclusão social é, na verdade, muito complexo e requer muitos outros fatores além do acesso, utilização e capacidade de TIC (ou inclusão digital), tais como um ambiente social e econômico estável e desejo e motivação para a mudança. Se quisermos erradicar as desigualdades mais gritantes que prevalecem na sociedade moderna, portanto, precisamos olhar além da oferta de acesso à informação e tecnologias de comunicação e as habilidades para usá-las, e além da visão determinista de que a tecnologia terá apenas benefícios positivos no caminho para a participação dominante (BRUE, 2005 p. 3).

O objeto de análise do presente trabalho está dentro do campo da comunicação comunitária, por se tratar de um jornal comunitário produzidos por indivíduos fora de um contexto social formal, o qual abre espaço a narrativas que fogem ao que comumente é retratado nos meios tradicionais.

3 – JORNAL BOCA DE RUA: COMUNICAÇÃO, NARRATIVA E INCLUSÃO.

3.1 - Boca de Rua: estrutura e inserção

O *Boca de Rua* é um jornal inteiramente produzido por pessoas em situação de rua. A iniciativa existe há dezenove anos em Porto Alegre e promove reuniões de pauta semanais, nas quais estas pessoas se tornam pauteiras, produtores, fotógrafos e até repórteres, a fim de retratar a realidade da cidade sob uma ótica pouco explorada pelas vertentes do jornalismo.

O jornal conta com a participação de seis profissionais voluntários que auxiliam os indivíduos em situação de rua na composição de suas narrativas e lhes garante apoio. Ao todo são três jornalistas, dois psicólogos e um analista de sistema.

O jornal sobrevive de doações e parcerias, em média existe um custo de 5000 reais mensais com espaço físico, suporte às pessoas em vulnerabilidade social, material de papelaria e entre outros. A impressão do periódico é feita de graça pelo Zero Hora, jornal da RBS e filiado à Rede Globo.

A *International Network of Street Papers* (INSP) foi fundada em 1994 com a finalidade de articular uma rede de jornais que têm a intenção de gerar autonomia a pessoas em situação de rua ao redor do mundo. Com sede na Escócia, a rede é responsável por integrar mais de 37 países.

A INSP serve de suporte técnico e financeiro aos periódicos que buscam o estabelecimento de autonomia a pessoas em vulnerabilidade. A organização soma um total de mais de 300 mil pessoas em situação de rua beneficiadas com a proposta de criação de uma plataforma global com o objetivo de gerar legitimidade a esta população marginalizada.

A rede mantém o *Street News Service* que estabelece um compilado de notícias já veiculadas pelos jornais e revistas que a integram, de modo a permitir que o leitor possa ter contato com diversas perspectivas e formas de se fazer jornal ao redor do globo.

Existem periódicos que têm abrangência multinacional, como é o caso da *Big Issue* com sedes na Escócia, País de Gales, Inglaterra, Austrália, Japão, Etiópia, Quênia, Naníbia, Malawi, África do Sul e Zâmbia.

O Brasil também apresenta representatividade na rede, por meio de três periódicos:

Revista Ocas – criada em 2002, é vendida por pessoas em situação de rua e vulnerabilidade nos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro. Sua missão institucional é construir instrumentos de transformação com pessoas em situação de extremo risco social, para que conquistem uma vida mais digna e, assim, tenham condições de contribuir para uma sociedade democrática, justa e participativa.

Aurora de Rua – criado em 2007, o jornal é vendido por pessoas em situação de rua da cidade de Salvador, capital da Bahia. O jornal produz cerca de oito mil exemplares a cada edição. Comercializado a R\$ 1,50, os indivíduos em situação de rua ficam com 70% do valor.

Boca de Rua – Idealizado em 2000, o Boca de Rua é feito em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Todos os processos de produção são realizados por pessoas em situação de rua e as arrecadações são revestidas inteiramente a esses indivíduos.

Dos 100 jornais integrantes da INSP, publicados em mais de 25 línguas, a iniciativa brasileira do *Boca de Rua* se difere das demais por ser a único a ser produzido por pessoas em situação de rua.

Especificamente no caso do *Boca de Rua* o intuito do projeto não é somente dar voz e representatividade a pessoas em situação de rua, mas garantir-lhes, inclusive, autonomia econômica. O dinheiro arrecadado com as vendas do jornal é destinado, em sua totalidade, aos indivíduos em situação de rua que integram a iniciativa.

O veículo é uma das iniciativas da Agência Livre para Informação Cidadania e Educação (ALICE) uma instituição sem fins lucrativos fundada em 1999 com o intuito de redemocratizar a comunicação no país. A agência possui atuação relevante no âmbito das ações afirmativas tendo três projetos em execução:

- **Jornal Boca de Rua** – feito e vendido por pessoas com vivência de rua em Porto Alegre, desde 2001.
- **Jornal Almanaque** – feito por mulheres idosas da cidade de Bagé, desde 2006.
- **Coleção Mulheres Perdidas e Achadas** – trilogia composta por três livretos:
 - Almanaque (feito por mulheres idosas de Bagé),

- Mariposa (feito por prostitutas)
- Pombo Correio (feito por presidiárias do regime semiaberto)

No âmbito da comunicação pública a ALICE desenvolve palestras destinadas a educadores, estudantes e pessoas que atuam na área social, por meio de três oficinas:

- **Incomuns Mortais** – formação e metodologia de trabalho dos grupos de comunicação da Alice
- **SOS Comunicação** – Estratégias de divulgação livre e alternativa para instituições ligados à área social.
- **Des(dez) mandamentos da Mídia** – Leitura crítica dos Meios de Comunicação

Além de colaborar com o desenvolvimento de atividades da ALICE, o Boca de Rua ainda desenvolve uma série de projetos de iniciativa própria, os quais estão descritos em seu blog no wordpress da seguinte forma:

Quadro 2

Projeto	Descrição
Boca de Rua – O dia a dia (documentário)	O documentário se propõe a acompanhar num período longo e de maneira participativa, mostrando não apenas o processo de redação do jornal, mas também o ambiente de trabalho do grupo, as atividades paralelas desenvolvidas, as pautas discutidas nas reuniões, o dia-a-dia dos vendedores, as dificuldades encontradas, as injustiças sofridas, as soluções encaminhadas e levando adiante a sua vida.
Boquinha	O Boquinha é o suplemento infanto-juvenil do jornal Boca de Rua. O projeto reúne crianças e adolescentes com idades entre 3 e 13 anos, que são responsáveis pela produção de textos, fotos e ilustrações publicados no suplemento. A iniciativa pretende apresentar à sociedade a capacidade destas crianças de criar, produzir arte e linhas de pensamentos singulares e importantes para subsidiar tanto as políticas públicas quanto os conceitos a respeito desta população.
	Os integrantes do Boca de Rua já produziram

Exposições fotográficas	duas exposições fotográficas, intituladas: Faces da rua e As duas faces da rua. A primeira retrata cenas cotidianas da população de rua e a segunda mostra os dois lados da cidade, aquele onde vive a população rica e a outra, onde habitam os sem teto.
Vídeos	As oficinas de vídeo resultaram em pequenos documentários. O primeiro foi o Carta de Porto Alegre, no qual os indivíduos em situação de rua de Porto Alegre apresentavam a vida e seus cotidianos na cidade. O segundo foi o chamado Ali na Capa tá eu, o qual apresenta o jornal Boca de Rua na perspectiva de seus integrantes.

Fonte: Elaboração própria

3.2 – Parâmetros metodológicos e corpus da análise

O processo de composição do trabalho foi iniciado com a padronização do conteúdo aos princípios do Código de Ética do Jornalismo Brasileiro, que determina aspectos morais e éticos ao exercício do jornalismo. “O compromisso fundamental do jornalista é com a verdade no relato dos fatos, razão pela qual ele deve pautar seu trabalho pela precisa apuração e pela sua correta divulgação¹⁰.

As técnicas de análise foram baseadas em análise de conteúdo com inspiração nos estudos sobre análise de enquadramento. Mais conhecida com a designação de framing analysis, a análise de enquadramento tem o intuito de identificar e descrever o objeto de pesquisa em questão, a partir do levantamento de informações e percepções dos grupos que o idealizaram. Esse tipo de estudo que ganhou espaço em meados do século XX, mudou a concepção de análise voltadas ao campo social. O efeito social da mídia é uma das marcas deste modelo metodológico foi inspirado no campo da Psicologia, a partir dos trabalhos de Ervin Goffmann, em 1974, para identificar a concepção dos indivíduos, a partir de suas vivências.

Quando um indivíduo está inserido numa corrente de atividade enquadrada, ele mantém algum controle sobre o seu envolvimento imediato e espontâneo. Isto irá variar em grau, indo do tédio numa das extremidades (incluindo aquele tipo que constitui uma resposta defensiva a uma preocupação premente) à quase total absorção na outra. Junto com a reserva afetiva (seja qual for o grau que se encontre), haverá provavelmente também certa dose de reserva cognitiva, uma sobra de dúvida em relação ao esquema e às transformações, uma leve disposição a aceitar a possível

¹⁰Código de Ética do Jornalismo Brasileiro, Artigo 4º, 2007.

necessidade de re-enquadrar o que está ocorrendo; e esta reserva, como a do tipo emocional, varia (GOFFMAN, 2012, p.463).

O conceito de enquadramento é bastante utilizado para identificar aspectos da mídia nacional. O modelo tenta justificar o motivo da utilização de certo enquadramento ao invés de outro.

Parto do pressuposto de que as definições de uma situação são construídas de acordo com princípios de organização que determinam os acontecimentos – pelo menos os acontecimentos sociais – e o nosso envolvimento subjetivo neles; quadro é a palavra que uso para me referir àqueles dentre estes acontecimentos básicos que sou capaz de identificar (GOFFMANN, 1986, p.10).

A definição do recorte da análise se deu, por meio do apontamento, no próprio blog, das edições mais relevantes. A seleção foi realizada com enfoque nas edições compiladas pela equipe do jornal, durante o aniversário de 15 anos do *Boca de Rua*. As não listadas por eles, que compreendem as edições de 2016 a 2019, foram selecionadas, a partir da observação de aspectos de narrativa em comum com as demais, tal como o enfoque na luta por subsistência. São elas:

- Vozes de uma gente invisível – edição 1 veiculada em 2000
- O inverno e o inferno – edição 2, veiculada em 2001
- Você sabe o que é fome – edição 7, veiculada entre 2002 e 2003
- Cidade Partida- edição 12, veiculada em 2004
- Feijão com arroz e cacos de vidro – edição 17, veiculada em 2005
- Faces da noite – edição 21, veiculada em 2006
- Você acredita na cura pela fé – edição 25, veiculada em 2007
- Em busca da liberdade – edição 27, veiculada em 2008
- Um dia a casa cai – edição 32, veiculada em 2009
- Direito de ter direitos – edição 35, veiculada em 2010
- Moradores de rua são seres ecológicos – edição 41, veiculada em 2011
- Somos todos desiguais – edição 45, veiculada em 2012
- Camisa de força – edição 48, veiculada em 2013
- A verdade nua e crua dos albergues e abrigos – edição 52, veiculada em 2014
- O povo da rua pede passagem – edição 54, veiculada em 2015
- Donas sem casa – edição 59, veiculada em 2016
- Luta e Luto – edição 63, veiculada em 2017

- Limpeza urbana. “Limpeza humana” - edição 66, veiculada em 2018
- Todos os sentidos – edição 70, veiculada em 2019

Além de levar em consideração as especificidades apontadas na plataforma, de acordo com a organização das edições, também foi considerado o tipo de linguagem e a forma como os indivíduos se colocavam nas narrativas presentes, com aspectos estritos a vida e cotidiano de seus autores, de forma a traduzir o perfil do indivíduo em situação de rua em processo inicial de aquisição de autonomia. Foi escolhida uma edição para cada ano de vigência do *Boca de Rua*¹¹.

A escolha por analisar as capas e as matérias principais das edições se deu pelo fato da dificuldade de se ter acesso a edições antigas na íntegra. O grupo disponibiliza apenas algumas edições em formato digital, tendo em vista a necessidade de que o material seja efetivamente comercializado em formato físico, para gerar autonomia financeira aos indivíduos em situação de rua que o comercializam.

Outra dificuldade foi o estabelecimento de contato regular com a equipe responsável, por causa da distância geográfica e o número reduzido de pessoas na coordenação do jornal. Por isso, recursos virtuais foram bastante utilizados na composição do presente trabalho.

Diante da relevância das edições selecionadas, a presente análise pretende realizar contrapontos entre os discursos presentes no *Boca de Rua* com critérios de framing analysis (análise de enquadramento). Segundo Goffman (2012), em relação à análise de *framing*, as visões dos indivíduos em relação aos acontecimentos pode se diferir em amplos aspectos, ou seja, não há uma forma totalmente correta de hierarquizar informações.

O autor ainda afirma que “interesses diferentes produzirão relevâncias motivacionais diferentes”, visão que se integra bem ao objeto de análise do presente trabalho. No caso das narrativas do *Boca de Rua*, os enquadramentos são realizados de maneira empírica e relatam aspectos de histórias que podem ser pouco relevantes, sob uma ótica tradicional e pautada, por exemplo, nos valores notícia consagrados por Nelson Traquina (2005) ou Mauro Wolf (2003), por fugirem do factual ou do dito relevante nas redações convencionais.

¹¹ A análise foi realizada, a partir das temáticas mais abordadas nas edições selecionadas, de forma a explicitar os enquadramentos mais utilizados pelos autores.

Traço comum nos discursos presentes no *Boca de Rua* é o distanciamento do indivíduo que produziu a matéria com as temáticas narradas, é como se tivesse havido instruções para que se preservasse certa impessoalidade jornalística nas produções. Talvez essa característica se deva ao fato da sistematização do jornal e transcrição não ser realizada pelas pessoas em situação de rua, mas por coordenadores ou colaboradores. Essa perspectiva também se dá com a falta de assinaturas em algumas matérias ou da presença de nomes abreviados.

Os moldes do jornal em relação à identificação dos colaboradores teve nova configuração em 2005, mas ainda assim há a omissão dos sobrenomes dos indivíduos em situação de rua. Não ficaram claros os motivos para as omissões, mas podem ter ocorrido para evitar represálias e até gerar uma unidade dentro do grupo de pessoas em situação de rua, indicando que não importa quem tenha escrito, se houver identificação a história pode ser de todos.

3.3 – Morfologia e funcionamento

A presente análise foi realizada com vistas a demonstrar especificidades do contexto do jornal *Boca de Rua*, como aspectos da produção, desafios e perfil dos participantes, assim como análise das edições do jornal, disponíveis no perfil do projeto na plataforma *wordpress*¹².

Idealizado pelas jornalistas Clara Glock e Rosina Duarte, o *Boca de Rua* enfrentou muitos obstáculos com relação ao seu estabelecimento. Primeiro por parte das parcerias que as jornalistas buscaram para a composição e depois pelos próprios indivíduos em situação de rua que não se enxergavam como protagonista de um jornal, na condição de formadores de opinião. Eventos, campanhas e oficinas foram criados e aos poucos o periódico foi tomando os moldes que adota atualmente.

O *Boca de Rua* apresenta edições trimestrais que rendem um total de mais de oito mil exemplares, cada um com a média de oito páginas. Todas as edições do jornal possuem três páginas referentes ao *Boquinha*, destinada a visibilidade de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social que têm momentos de partilha e convivência nas reuniões semanais destinadas à confecção deste suplemento do jornal.

¹² Disponível em: <https://jornalbocaderua.wordpress.com/>

O periódico também possui um blog, no qual são publicadas edições comemorativas, edições e notícias referentes ao jornal e seus membros. Assim como uma página no Facebook curtida por 4150 e seguida por 4209 pessoas¹³.

As reuniões acontecem todas as segundas-feiras, geralmente o grupo é subdividido em núcleos compostos por três indivíduos para a composição das notícias. Estes encontros também são utilizados para esquematizar a logística de vendas, bem como para discussões sobre relação interpessoal dos integrantes.

O jornal é composto por :

- Capa;
- Páginas 2 a 4 (constam as matérias principais);
- Páginas 5 a 7 (destinadas ao *Boquinha*);
- Página 8 (utilizada para textos com teor mais estritamente jornalísticos).

A capa compreende uma fotografia com a manchete principal do jornal, disposta de no alto da página com tipografia em *negrito* e todas as letras em caixa alta.

Figura 1: Capa da edição 35



Fonte: Jornal Boca de Rua¹⁴

¹³ Acesso em : 22 de maio de 2019.

¹⁴ Disponível em: <https://jornalbocaderua.wordpress.com/>

Na estruturação da capa é possível identificar um cabeçalho que contém:

- Identidade visual do Boca de Rua
- Espaço para a identificação do vendedor
- Número da edição
- Preço
- Data

A qual possui a seguinte composição:

Figura 2: Identidade visual do Boca de Rua



Fonte: Jornal Boca de Rua¹⁵

A identidade visual do *Boca de Rua* compreende símbolo matemático que representa a busca pela igualdade. A expressão do tridente no “de”, significa a tríade de desenvolvimento do indivíduo dentro do *Boca de Rua*, que de acordo com Santos (2014) identifica o início, meio e fim. O desenho da boca se coloca como representação ao meio de comunicação mais antigo e efetivo de nossa sociedade, a boca.

O cabeçalho apresentou evoluções ao longo dos anos, nas edições iniciais é possível identificar a palavra “contribuição” no local onde está designado o preço do periódico. Essa expressão inicial talvez se deva ao fato do desenvolvimento da concepção de assistência social no país, que outrora era considerada benesse ou filantropia. A partir da promulgação da Constituição Federal de 1988, esta perspectiva deu lugar à percepção formal da assistência social como política pública não contributiva que, em meio a seu sistema descentralizado¹⁶, também é composta por entidades privadas sem fins lucrativos.

Ponto importante na mudança de paradigma referente à assistência social foi a promulgação da Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS), que ocorreu apenas em 1993. Embora os marcos tenham se dado no século passado, a sociedade ainda carrega um visão

¹⁵ Disponível em: <https://jornalbocaderua.wordpress.com/>

¹⁶ Artigos 202 a 203 da Constituição Federal

material pejorativa das políticas de inclusão de pessoas em vulnerabilidade, fato demonstrado pelo termo “contribuição”.

Hoje no Brasil tudo o que não for contributivo é renegado pela maioria da opinião pública; é chamado de esmola. Até mesmo a previdência rural é rechaçada pelos neoliberais por não cobrar diretamente do trabalhador do campo contrapartida em dinheiro (PEREIRA, 2013, p. 645).

Figura 3: Antiga identidade visual do Boca de Rua



Fonte: Jornal Boca de Rua¹⁷

A substituição da expressão inicial por “preço” se deu após a consolidação do jornal e o desdobramento do veículo como meio de denúncia e produto que qualifica os indivíduos em situação de rua a vendedores. Outro aspecto que pode ser tomado como base para a mudança é a ascensão de movimentos que defendem o estabelecimento da nova perspectiva acerca das políticas de assistência social diante do imaginário coletivo, um exemplo são as entidades de assessoramento que, estão discriminadas na LOAS e têm o objetivo de qualificar e fortalecer movimentos.

Ademais a política social é identificada como uma política de ação, que tem perfil, funções e objetivos próprios e produz impactos no contexto em que atua. Tem forte traço empírico embora não se reduza a ele, visto que, como política, ela também é fruto de escolhas e de decisões definidas nas arenas conflituosas de poder. Trata-se, por tanto, a política social, de uma categoria acadêmica e política, de constituição teórica e prática, que não apenas se dispõe a conhecer e explicar o mundo real, mas também agir nesse mundo, visando mudanças (PEREIRA, 2008 p. 166).

O rodapé do jornal apresenta referência ao suplemento *Boquinha* que é grafado com tipografia que remete à escrita infantil, bem como pela representação de um boneco e uma boca com apenas um dente, também voltados à temática infantil.

As cores utilizadas no rodapé são sempre chamativas e vívidas. As manchetes presentes na designação do suplemento em cada edição do jornal são sempre voltadas à representação do público infanto-juvenil

¹⁷ Disponível em: <https://jornalbocaderua.wordpress.com/>

Figura 4: Rodapé do Boca de Rua



Fonte: Jornal Boca de Rua¹⁸

O interior do jornal possui diagramação padrão, com os títulos dispostos acima do texto organizado em colunas. O periódico possui apenas uma publicação fixa que fica disposta no canto direito de uma das páginas, que caracteriza uma espécie de ficha técnica que identifica os autores do periódico, bem como os responsáveis pela coordenação, edição, diagramação, apoio, colaboradores e impressão.

Figura 5: Parte interna do Boca de Rua



Fonte: Jornal Boca de Rua¹⁹

Os indivíduos em situação de rua fazem todo o processo de produção das publicações menos o de transcrição das matérias e diagramação. Ponto pouco interessante no que tange a composição fidedigna das narrativas, pois, de certa forma, há um filtro sob as expressões e até certa manipulação para que as oratórias apresentem enquadramentos mais noticiosos com

¹⁸ Disponível em: <https://jornalbocaderua.wordpress.com/>

¹⁹ Disponível em: <file:///C:/Users/Luciana/Pictures/34-boca-de-rua-jan-fev-mar-10.pdf>

critérios que transpõem a suposta impessoalidade jornalística. Embora, seja perceptiva a busca por um discurso fiel ao inicialmente elaborado.

Diante da perspectiva de análise por enquadramento de Kuypers (2009, p.50), “enquadramentos são formados por palavras e frases particulares que consistentemente aparecem dentro de uma narrativa e ‘transmitem significados tematicamente consoantes ao longo do tempo’”.

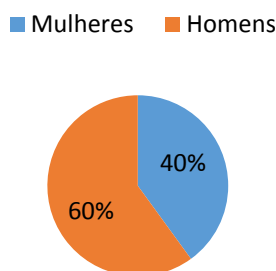
O discurso de pertencimento dos indivíduos que integram o grupo se reflete não apenas nos jornais, mas na página do projeto no *Facebook*. Eles são usuários ativos da plataforma e possuem boa interação, talvez isso se deva ao fato da familiaridade e acesso a dispositivos móveis impulsionada pela produção do *Boca de Rua* que cede aparelhos aos integrantes para a captura de imagens para o jornal.

O grupo que compõe o *Boca de Rua* é formado por cerca de 30 pessoas, segundo a Agência Livre para Informação Cidadania e Educação (ALICE). É primordial que os participantes tenham mais de 16 anos, para que não haja conflito com o disposto no artigo 7º - XXXIII, da Constituição Federal que versa sobre a proibição de trabalho noturno, perigoso ou insalubre a menores de dezoito e de qualquer trabalho a menores de dezesseis anos, salvo na condição de aprendiz, a partir de quatorze anos.

As características dos integrantes do *Boca de Rua* se assemelham às da população em situação de rua em Porto Alegre. Não existe um recorte substancial recente desta população, mas segundo Schuch, Maghni e Kundel (2007), existiam 1203 pessoas habitando as ruas da cidade, sendo:

- 80% do sexo masculino;
- 78% possui ensino básico incompleto, mas sabiam ler e escrever;
- 60% utiliza albergues e centros de acolhimento institucional.

De acordo com dados apontados por Camara (2008), a partir de pesquisa junto a Agência Livre para Informação Cidadania e Educação (ALICE), boa parte dos integrantes do *Boca de Rua* também é do sexo masculino.

Figura 6 - Média do gênero dos integrantes do Boca de Rua

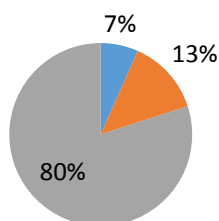
Fonte: Camara²⁰

Dados referentes à raça dos integrantes do grupo também foram identificados, embora a população do Rio Grande do Sul tenha proeminência de pessoas brancas, o grupo apresenta 80% de seus membros autodeclarados como pardos ou negros.

O predomínio de pessoas negras em situação de vulnerabilidade não é uma característica apenas do *Boca de Rua*, mas do país como um todo. Segundo dados divulgados pelo Instituto de Pesquisa e Econômica Aplicada (IPEA), com recortes entre 2011 a 2015, 37% da população em insegurança é negra. Segundo o estudo²¹, “em números absolutos, os resultados evidenciam que a desigualdade de cor continua significativa, ou seja, os dez anos de referência não foram suficientes para minimizar ou reduzir significativamente esta desigualdade”.

Figura 7 - Média da raça dos integrantes do Boca de Rua

■ Não declarados ■ Brancos ■ Negros/Pardos



Fonte: Camara²²

²⁰ Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/28484>>

²¹ Disponível em:

<http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=30790:ipea-apresenta-dados-de-vulnerabilidade-social-por-cor-sexo-e-domicilio&catid=1:dirur&directory=1>

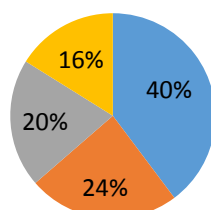
²² Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/28484>>

A questão da saúde pública também é algo que chama a atenção. Boa parte dos discursos expressos nas matérias remete a esta perspectiva. Porém, os dados divulgados pela ALICE não delimitam de forma ampla, a ponto de estabelecer comparativo com os dados de abrangência nacional.

Estudo do Ministério da Saúde (2014), na Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua, apresenta quantitativos mais aprofundados acerca da saúde da população em situação de rua, que não deixam de fazer parte do universo dos participantes do *Boca de Rua*. De acordo com as análises expressas no estudo, foi possível a elaboração do seguinte:

Figura 8 - Média do perfil de doenças que acometem pessoas em situação de rua no Brasil

■ Hipertensão ■ Problemas psiquiátricos ■ HIV ■ Cegueira



Fonte: Ministério da Saúde²³

A permanência dos indivíduos no grupo é de, em média, dois anos. Boa parte de seus membros possui dependência a substâncias psicoativas e, refletem o descaso da saúde pública com as pessoas em situação de vulnerabilidade, pois portam doenças que podem ser evitadas ou contidas com medidas profiláticas, como tuberculose e doenças sexualmente transmissíveis.

A estruturação da concepção acerca das drogas é, com frequência, atribuída ao indivíduo consumidor, porém o problema perpassa entre as esferas da segurança e da saúde pública. O consumo de drogas é bastante abordado no contexto do *Boca de Rua*, pois é encarado como forma de amenizar o impacto da fome e da marginalização.

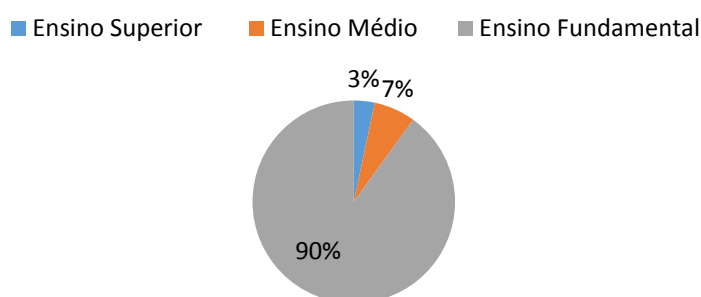
²³ Disponível em:

http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Livros/Rua_aprendendo_a_contar.pdf

O frio, o medo, a fome, o sofrimento causado pelo preconceito e pela discriminação, são fatores determinantes para o consumo destas substâncias. Ademais, além de encontrarem nestas uma fuga (temporária ou permanente) da realidade experimentada em seus cotidianos, algumas drogas são mais baratas e mais acessíveis do que alimentos (GATTI e PEREIRA, 2011, p.88).

A composição etária dos integrantes do *Boca de Rua* é bem heterogênea, a qual o integrante mais novo possui 18 anos e o mais velho 44. Com relação ao grau de escolaridade, mais da metade do grupo cursou até o 6º ano do ensino fundamental, enquanto duas pessoas possuem nível médio completo e apenas uma nível superior.

Figura 9 - Média do perfil de escolaridade dos integrantes do Boca de Rua



Fonte: Camara²⁴

A partir da análise de vídeos produzidos pelo *Boca de Rua* e o documentário “Vozes Invisíveis” é notório que seus integrantes têm consciência comunitária e desejam a articulação de políticas públicas e afirmativas de inclusão ao público marginalizado. Com o jornal eles se sentem empoderados, como é o caso de José Ramires em um dos discursos explicitados no documentário: “A gente não tem faculdade, a gente não tem escolaridade, a gente não tem diploma, a gente mal e porcamente tem um certificado. Mas a gente faz coisa que muito gravatinha que está sentado em uma cadeira não faz”.

Os produtos audiovisuais demonstram a forma como os coordenadores incentivam os indivíduos em situação de rua a se enxergarem como indivíduos autônomos. Durante uma das reuniões de pauta, Rosina Duarte, uma das fundadoras do projeto afirma: “Ao longo dessa semana vocês são todos repórteres” e ainda “A gente não tem que calar nada aqui, porque já calamos a boca o tempo inteirinho”.

²⁴ Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/28484>>

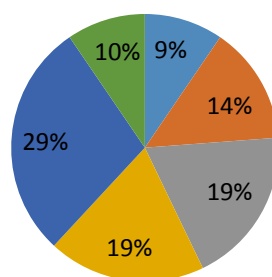
Os indivíduos que relatam como é integrar a iniciativa se mostram acolhidos e pertencentes a uma organização social formal que não os exclui. Algumas das falas que mais chamam atenção sobre as perspectivas dessas pessoas são: “Antes do Boca de Rua não sabia ler nem escrever. Hoje, graças a Deus, eu escrevo, eu bato foto, eu entrevisto, disse José Rodrigues, mais conhecido como “Ceco” e “O Boca de Rua mostra o que a sociedade não vê”, afirma Michelle dos Santos, uma das integrantes do jornal.

3.4 – Análise de conteúdo

Todas as 19 edições analisadas possuem como contexto principal as mazelas da vida diante de problemas de subsistência e inclusão social. As manchetes já direcionam o leitor a perspectivas referentes à busca por liberdade e representatividade, assim como alimentação, vestuário e habitação dignas. A relação da comunidade com esses indivíduos é o segundo tema mais abordado em meio aos discursos.

Figura 10 -Temáticas das manchetes

■ Drogas ■ Ocupação urbana ■ Alimentação ■ Segurança ■ Desigualdade ■ Trabalho

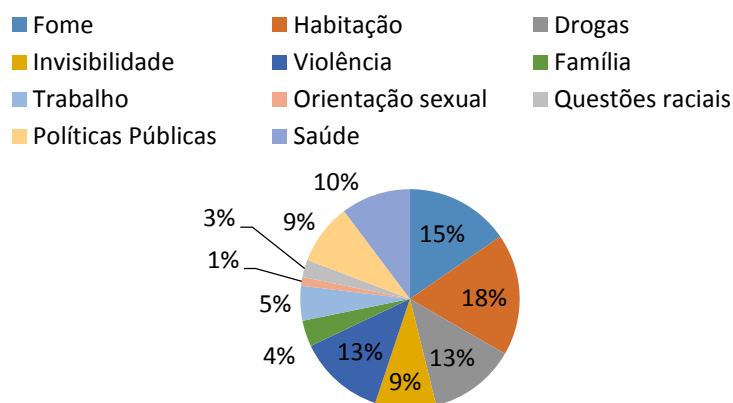


As fontes utilizadas pelo *Boca de Rua*, geralmente, não são identificadas com detalhamento. Um recorte substancial de cerca de 70% apresenta a identificação apenas pelo nome, não tendo atribuída profissão ou colocação social.

As edições selecionadas, a partir da análise das capas e matérias principais, apresentam maior incidência das palavras “fome”, “moradia”, “frio”, “doença”, “drogas”, “roubar”, “preconceito” e “violência”. A construção do ambiente da rua nas matérias traduz

uma realidade dura e caráter de denúncia às mazelas sociais. As palavras foram quantificadas, por meio do *Word Counter 360*²⁵.

Figura 11 - Temáticas mais abordadas nas matérias



A temática da vulnerabilidade se apresenta nas narrativas como aspecto principal e plurifacetado. Os desdobramentos deste viés apresentam a situação de rua não apenas como um problema individual, mas vinculado a toda conjuntura social e presente em contextos políticos, econômicos e sociodemográficos. O contexto da subsistência é apresentado nas páginas do jornal com maior regularidade quando vinculado a aspectos de alimentação, saúde, violência e moradia.

O fenômeno social de população em situação de rua é aqui apreendido como fenômeno multifacetado com múltiplas determinações que são influenciadas e fomentadas pela sociabilidade capitalista que produz um contingente de pessoas vivendo na situação de extrema pobreza que não possuem moradia convencional. O modo capitalista de produção pauta uma sociedade baseada nas divisões das classes através da propriedade privada aprofundada na desigualdade social, donde aquelas pessoas que não acessam o mercado de trabalho têm precárias condições de subsistência (BARBOSA, 2015, p.10).

A fome se mostra como impulsionadora de condutas, as quais a sociedade tem pouca ou nenhuma afinidade, como o pedir ou o roubar para ter acesso a alimentos. Perceber essas perspectivas, a partir dos relatos dos indivíduos que sentem a necessidade e se colocam em situações vexatórias ou perigosas para suprir esta necessidade básica, é algo que desperta reflexões.

Em muitas das narrativas os indivíduos em situação de rua mostram uma realidade conhecida pela sociedade civil e pelo governo que são mascaradas com políticas de

²⁵ Disponível em: <<https://wordcounter.io/>>

assistência social e ações afirmativas precárias. Nos relatos se percebe a relação da busca por subsistência com a inserção no mundo do crime. Trechos das matérias corroboram a perspectiva, assim como o retirado da edição 7²⁶: "Para saciar a fome as pessoas fazem de tudo. Como roubar, pedir na sinaleira ou pedir de porta em porta". Há quem chame os restos de comida encontrados no lixo de "xis latão", como forma bem humorada de enfrentar a situação.

A questão da falta de moradia se apresenta na mesma escala da fome. Os relatos relacionados a esse ponto estão estritamente ligados à falta de políticas públicas efetivas. São relatadas as situações dos albergues, nos quais as condições precárias e a falta de profissionais capacitados na gestão e articulação afastam os indivíduos desses locais.

"Essa gente prefere dormir na rua para ficar se drogando, em vez de ir para os abrigos e albergues" é o que, segundo a edição 2, os indivíduos em situação de rua mais escutam, principalmente no período do inverno, no qual há muita incidência de mortes, por causa do clima gélido do sul do país. "Quem mora na rua tem medo do inverno. Depois de uma noite fria é comum achar um morto".

Diante do contexto, boa parte da sociedade quando em contato com situações como as descritas reproduziria o discurso, mas na concepção dos indivíduos que integram o *Boca de Rua* a falta de procura por instituições de acolhimento se justifica pela falta de segurança nos albergues e pelo fato de não aceitarem a entrada de pessoas sob efeito de substâncias psicoativas, ponto que mais afasta estes indivíduos das políticas públicas, "quem comanda o cérebro é a fome da droga", de acordo com trecho retirado da edição 7.

É proibida a entrada no Albergue com drogas, bebidas, armas, objeto cortante, como tesouras, facas, entre outros – eletrodomésticos e bicicleta sem nota fiscal, animais e carroças. Isso desestimula muitos moradores a ir para o Albergue, visto que terão de abandonar seus pertences, carroças e animais, que muitas vezes são instrumentos de trabalho (PEREIRA, 2008, p. 100).

Nas narrativas são levantadas características deficitárias das políticas públicas voltadas aos indivíduos em vulnerabilidade e o distanciamento da perspectiva do agente público como promotor de direitos. "Na rua a violência pode vir de qualquer lado: da polícia, dos monitores

²⁶ A referência das citações se deu, por meio da explicitação das edições, tendo em vista a ausência, em alguns casos, de especificação de fonte e pelo fato do presente trabalho não possuir autorização para divulgação de nomes, tendo em vista a dificuldade de se estabelecer contato com a coordenação do jornal. .

dos abrigos e albergues, dos homens que passam a pé ou de carro ou mesmo dos vizinhos de aba", de acordo com relato presente na edição 59.

A perspectiva relativa a violência é colocada nas páginas de jornal como forma de denúncia ao trato que as esferas da sociedade concedem a essa temática quando os casos de violação de direitos se dão com pessoas em situação de vulnerabilidade. Eles se mostram como grupo unido e mobilizado. "Os moradores de rua estão de luto e em luta para acabar com as mortes, agressões, espancamentos, linchamentos e queima de barracos", segundo relato retirado da edição 63..

A violência apresenta diversos desdobramentos, de acordo com o descrito nos jornais, principalmente quanto à mulher em situação de rua. Elas sofrem diretamente os efeitos de uma sociedade desigual e da falta de promoção à segurança. Os relatos refletem que a maioria evita dormir sozinha, com o intuito de coibir problemas de violação sexual. "Na rua quase todas já foram estupradas na infância ou na adolescência", segundo relato apontado na edição 59.

Ainda, sob a perspectiva das mulheres representada na edição 12, a violação de direitos sofrida por elas também se revela, novamente, pela figura dos agentes públicos. "Muitas juram que seus filhos foram tirados delas dentro dos hospitais e levados para adoção sem consentimento". Porém, o panorama da auto superação é sempre levantado, tal como no trecho: "Mas nem com todos os traumas elas deixam de ser femininas, afetivas, maternais e sensuais".

Questões referentes à saúde pública são bastante levantadas, os assuntos que mais aparecem dentro desta esfera são os de dependência química e doenças relacionadas à falta de saneamento básico, bem como doenças sexualmente transmissíveis. Esses aspectos são levantados quando há a abordagem de questões acerca das condições de vida como a falta de comida, convivência com pragas urbanas, como ratos e baratas e a falta de acesso à educação em saúde. As doenças mais apontadas são: tosse, gripe, pneumonia, tuberculose e Aids.

A questão da desigualdade social é o tema que une todos os outros já abordados. Como jornal comunitário, o Boca de Rua apresenta como se dá a convivência social dos diversos meios sociais na cidade de Porto Alegre. "Porto Alegre tem duas cidades dentro dela. Numa, pobre não entra. Na outra é proibido burguês", trecho retirado da edição 12.

Aspectos de orientação sexual e raciais, ainda, de acordo com a edição 12, também são indicados quando o tema da exclusão é descrito. “Se entrar morador de rua e homossexual ou negro pobre, por exemplo, todo mundo fica olhando e muitas vezes os seguranças pedem para se retirar ou chamam a polícia”.

A ocupação urbana também ganha espaço nos relatos. A perspectiva de que os espaços públicos são democráticos e de livre circulação não se aplica a vivência das pessoas em situação de rua. Nas matérias é dito que os parques e espaços culturais são os únicos locais em que todos se encontram, mas que, ainda assim, há tentativas de segregação ou de expulsão das pessoas em vulnerabilidade. “Até departamento de limpeza urbana foi chamado para remover os moradores como lixo”, de acordo com narrado na edição 66.

Ponto pouco tratado nas publicações é a questão familiar dos indivíduos. A história que os conduziu ao universo da rua ainda permanece, de certa forma, oculta. Esta perspectiva é dada de forma superficial delimitada apenas por fatos que comprovam a falta de entendimento dessas pessoas com a família, aquisição de liberdade, histórias de abandono e muitas das vezes o aspecto da dependência química também ganha relevância.

Sob outro panorama, pode-se identificar a tentativa de demonstrar que os indivíduos em situação de rua contribuem com a dinâmica social, mesmo que de forma indireta. Em uma das edições se fala em relação à redução de resíduos sólidos e reciclagem.

Com relação às fotografias, houveram mudanças de perspectiva das imagens ao longo dos anos. Nas primeiras edições é notória a tentativa de manter as pessoas fotografadas no anonimato, como forma de preservação da imagem dos indivíduos. Sendo assim, eram retratados corpos com os rostos mantidos em segredo ou apenas partes de membros.

Figura 12: Edição 17



Fonte: Jornal Boca de Rua²⁷

Outro aspecto que foi alterado com o evoluir do jornal, foi a qualidade das imagens e seus enquadramentos. Nas edições mais atuais percebe-se que existe um cuidado maior no que tange a execução das fotos e as personagens passam a aparecer mais e se tornam evidentes e conhecidas

Figura 13: Edição 45.



Fonte: Jornal Boca de Rua²⁸

As imagens utilizadas nos jornais são autoexplicativas e demonstram as perspectivas de vivência de seus executores. Geralmente, sempre são o retrato de alguma situação referente à rua e poucas são posadas ou produzidas de forma artificial.

A mudança de concepção das imagens se deu, a partir de oficinas de fotografias promovidas ao grupo, assim como o estabelecimento de discussões sobre o que se deve fotografar em cada reunião de pauta. Passou a haver certo planejamento na execução das fotografias, assim como já havia com as matérias. Esta medida garantiu maior estética ao jornal, mas passou a condicionar a visão dos indivíduos em situação de rua, o que foge do objetivo primário do jornal e o aproxima de uma visão mais convencional.

A forma de organização dos créditos das fotografias também foi alterada. A partir das edições de 2008, as imagens passaram a ser creditadas com o nome de quem as executou e não somente com uma designação genérica como ocorrera nas edições iniciais. Neste mesmo ano, as edições ganharam cores, o que garantiu ainda mais vivacidade às produções.

²⁷ Disponível em: <https://jornalbocaderua.wordpress.com/>

²⁸ Disponível em: <https://jornalbocaderua.wordpress.com/>

As edições do jornal Boca de Rua são a construção das vivências de pessoas em situação de rua na íntegra. Os assuntos refletem as perspectivas da análise de *framing* que delimita a seletividade de grupos sociais como critério de hierarquização dos acontecimentos e informações.

4 - CONCLUSÃO

O presente trabalho apresenta a rua como um local de refúgio e construção de vínculos afetivos e sociais. A situação de rua traz aos indivíduos processos de socialização e vivências ao passo que os encaminha à marginalização e exclusão social. O *Boca de Rua* se apresenta como forma de articulação e empoderamento destes indivíduos.

Pelo projeto já passaram mais de 150 participantes, e um total de 70 pessoas adquiriram autonomia a ponto de não mais habitar as ruas. No processo de produção do jornal, os indivíduos não apenas adquirem autonomia financeira, mas também aprendem a ler, escrever e a lutar contra a invisibilidade.

O trabalho foi constituído sob a ótica das capas e matérias principais de 19 edições do *Boca de Rua*. As edições escolhidas pertencem ao acervo do jornal e retratam publicações de cada ano de vigência do periódico, de 2001 a 2019.

O acesso ao grupo é bastante restrito, tendo em vista o número reduzido de participantes. A realização do trabalho só foi possível graças à presença ativa do *Boca de Rua* nas mídias sociais, bem como a existência do blog e do site da Agência Livre para Informação Cidadania e Educação (ALICE).

As narrativas analisadas demonstram o cerne da comunicação comunitária produzida por um grupo em alto grau de vulnerabilidade. Foram identificados aspectos referentes às mais diversas mazelas sociais, retratadas de forma denunciativa.

Ao passo que as publicações demonstravam a luta por subsistência e fim da invisibilidade social, que se faz presente em todas as representações, são notórios aspectos de esperança, fé e até bom humor.

O intuito central foi resgatar discursos pouco disseminados e estimular a propagação do periódico, que garante legitimidade e espaço aos que se encontram em invisibilidade. O jornal *Boca de Rua* é abordado como canal de articulação e denúncia de aspectos referentes ao cotidiano de pessoas que habitam as ruas. A proposta do periódico é garantir não apenas autonomia financeira, mas intelectual e de defesa de direitos.

A análise presente nesta monografia teve o propósito de identificar de que forma se desenvolvem as perspectivas de pessoas que permanecem às margens da sociedade e, ainda assim, se colocam como protagonistas no jornal.

O enfoque nas histórias contadas por pessoas em situação de rua, bem como seus dilemas e vivências é algo pouco abordado na mídia tradicional. O estabelecimento de representações acerca dos indivíduos em busca por subsistência, geralmente, contém vieses negativos, tendo em vista o contexto de desvinculação do grupo a conjunturas sociais formais. A construção de estereótipos de marginalização faz com que haja uma tendência à criação de barreiras que acentuam a exclusão social desta população.

Os estigmas acerca desses indivíduos podem ser utilizados como exemplo para corroborar o pensamento de Stuart Hall (2016) de que a estereotipagem implanta uma estratégia de “cisão”, que divide o normal e aceitável do anormal e inaceitável.

O simbolismo apresentado em matérias jornalísticas tende a apresentar pessoas que se encontram em estado de vulnerabilidade em posição de distanciamento, como “o outro”, dentro da perspectiva de Hall. É destacada a presença desses sujeitos dentro do panorama social urbano como impulsionadoras de espécies de anomias que ferem a ordem prefixada.

A comunicação tem a capacidade de interpor processos e concepções. A diversificação de vieses pode fazer com que a sociedade desenvolva um posicionamento mais crítico em relação ao tema da vulnerabilidade social

O surgimento de formas distintas de se fazer e propagar informação gera novas perspectivas e articulações para o campo da comunicação. A fuga do convencional e a interposição de modelos de comunicação pública e comunitária têm a prerrogativa de gerar diferentes contextos e legitimidade a essa área do conhecimento.

A comunicação é para todos e justamente essa prerrogativa que deve ser aplicada nos âmbitos sociais, políticos, acadêmicos e até das grandes massas. A difusão de novos papéis é essencial para o desenvolvimento da área.

A criação de estratégias de inclusão e visibilidade torna o jornal *Boca de Rua* uma espécie de interlocutor que aproxima as pessoas em situação de rua da sociedade civil e até do poder público. São iniciativas como essa que desconstruem os estigmas vinculados aos *invisíveis*.

A denúncia de situações de violação de direitos fundamentais é recorrente. A falta de suporte governamental e a presença de agentes que reproduzem condutas discriminatórias dentro das ações de assistência social é algo bastante abordado. A falta de articulação entre as ações do tripé que forma a seguridade social faz com que as propostas de intervenção se tornem apenas paliativas e pouco alterem a conjuntura de desigualdade.

A presença de regras como a proibição de pessoas sob o efeito de drogas em albergues é retrato da ausência de percepção dos gestores em relação ao contexto macro vivido pelas pessoas em situação de rua. De certa forma, essas normas afastam ainda mais os indivíduos e impulsiona um ciclo vicioso que provoca impactos diretos na sociedade, especialmente nas esferas da assistência social, segurança e saúde pública.

Embora existam aspectos controversos relativos à promoção da assistência social, há dispositivos legais de grande relevância no cenário nacional e que trouxeram novas configurações à assistência social, são eles a Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), o Política Nacional de Assistência Social (PNAS) e o Sistema Único de Assistência Social (SUAS).

Iniciativas como o Boca de Rua compõem o conjunto de instituições sem fins lucrativos vinculadas ao SUAS, que promovem a assistência social e auxiliam na construção de uma sociedade menos desigual e consciente quanto à importância das políticas de assistência.

O periódico também é formulado para mostrar que embora existam dificuldades no cotidiano da rua, essas pessoas ainda mantêm suas crenças religiosas, são vaidosos, possuem sonhos e permanecem unidas em prol de suas seguranças e da aquisição de direitos.

O *Boca de Rua* é um veículo que deve ser multiplicado, levado para centros de assistência social para que o discurso da população em situação de rua ganhe legitimidade em diversos Estados da Federação. Ele se difere de outros modelos constituídos ao redor do Brasil e do mundo, por possibilitar não só autonomia financeira, mas liberdade e possibilidades de se atenuar o estigma de invisibilidade social.

Este trabalho de conclusão de curso é canal para que a sociedade perceba as verdadeiras nuances da luta por inclusão. O trabalho foi construído para que os discursos das pessoas em situação de rua ganhe ainda mais credibilidade, visibilidade e legitimidade.

5 - REFERÊNCIAS

ALICE. **Agência Livre para a Informação, Cidadania e Educação**. Disponível em: <<http://www.alice.org.br/category/boca-de-rua-2/>> Acesso em: 12 de janeiro de 2019

BARBOSA, Lílian Gomes. **Atendimento à população em situação de rua: análise referencial de serviço socioassistencial de São Paulo e Brasília**. 2015. 64 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Serviço Social)—Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <<http://bdm.unb.br/handle/10483/17307>> Acesso: 21 de maio de 2019

BURE, Claire. **Digital Inclusion Without Social Inclusion: The consumption of information and communication technologies (ICTs) within homeless subculture in Scotland**. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/dc5d/7fd66300ccfb9a52f3ec9ec87011bffd4d46.pdf>> Acessado em 18 de maio de 2019.

CAMARA, Guilherme Dornelas. **A práxis no jornal Boca de Rua: de "gente invisível" a questionamentos do mundo**. Porto Alegre (2008). Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/28484>> Acessado em 22 de fevereiro de 2018.

CAPPARELLI, Sérgio; LIMA, Venício. **Comunicação e Televisão: Desafios da pós globalização**. São Paulo: Hacker Editores. 2004.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica: para uso dos estudantes universitários**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

CUNHA, Júnia ; Valéria, RODRIGUES, Mônica. **Rua: Pesquisa Nacional sobre a População de Rua**. 2009. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Livros/Rua_aprendendo_a_contar.pdf> Acesso em: 14 de novembro de 2018.

CHRISTOFOLETT, Rogério (Org.). **Vitrine e Vidraça: Crítica de Mídia de Qualidade no Jornalismo**. Covilhã: Livros LabCom, 2010.

CÓDIGO DE ÉTICA DOS JORNALISTAS BRASILEIROS. 2007. Disponível em http://fenaj.org.br/wpcontent/uploads/2014/06/04codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf> Acesso em: 14 de agosto de 2018.

COSTA, Paulo. **Jornalismo Público: Por uma nova relação com os públicos**. 2006. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/departam/crp/cursos/posgrad/gestcorp/organicom/re_vista4/124.pdf> Acesso em: 16 de outubro de 2018.

DUARTE, J. C. S. **Rede Sociais: uma estratégia de ação local para o desenvolvimento**, 2000. Disponível em: <<https://www.rits.org.br/>> Acesso em 22 de outubro de 2018.

SCOREL, Sara. (2003). **Vivendo de Teimosos – moradores de rua da cidade do Rio de Janeiro**. Em Marcel Bursztyn (Org.), *No meio da rua – nômades, excluídos e viradores* (pp. 139-171). Rio de Janeiro: Garamond. Disponível em:

<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v13n27/v13n27a09.pdf>> Acessado em: 1 de novembro de 2018.

FERREIRA, Fernanda; ALVES, Maíra. **Representações Sociais Dos Moradores De Rua No Jornal Correio Braziliense: Exclusão, dessemelhança e violência.** 2015. Disponível em: <<http://www.rica.unibes.com.br/index.php/rica/article?viewFile?630/550>>. Acesso em: 10 de setembro de 2018.

FESTA, Regina. Movimentos sociais, comunicação popular e alternativa. In: FESTA, R. ; SILVA, Carlos Eduardo Lins da (Orgs.). **Comunicação popular e alternativa no Brasil.** São Paulo: Paulinas, 1986. p.9-30

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002.

GATTI e PEREIRA Bruna Papaiz; Camila Potyara (Orgs.) **Projeto renovando a cidadania: pesquisas sobre a população em situação de rua do Distrito Federal.** Brasília: Gráfica Executiva, 2011.

GOFFMAN, Erving. **Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise.** Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

Instituto Brasileiro de Pesquisa e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.** 2015. Disponível em: <<https://brasilemsintese.ibge.gov.br/educacao/taxa-de-analfabetismo-das-pessoas-de-15-anos-ou-mais.html>>. Acesso em: 20 de setembro de 2018.

JABUR, Pedro; TAVARES, Breitner; SILVA, Jussara; MARTINS, Yure. **Cozinhando a céu aberto: relatos de vida de moradores de rua de Brasília.** 2015. Disponível em: <https://www.academia.edu/24430106/Cozinhando_a_c%C3%A9u_aberto_relatos_de_vida_de_moradores_de_rua_em_Bras%C3%ADlia> Acesso em: 14 de junho de 2018.

JÚNIOR, James; XIMENES Verônica. **A identidade social estigmatizada de pobre: uma constituição opressora.** (2016). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/fractal/v28n1/1984-0292-fractal-28-1-0076.pdf>> Acesso em: 18 de outubro de 2018.

KAPLÚN, Mário. **El comunicador popular.** Quito: CIESPAL, 1985.

KLAUMANN, Alexandre. **Moradores de rua – um enfoque histórico sócio assistência da população em situação de rua no Brasi:** A realidade do Centro POP de Rio do Sul SC. (2015) Disponível em: <<http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2016/02/Alexandre-da-Rocha-Klaumann.pdf>> Acesso em: 12 de julho de 2018.

LEI ORGÂNICA DA ASSISTÊNCIA SOCIAL. Disponível em: http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/LoasAnotada.pdf Acesso em 09 de agosto de 2018.

MATTOS, Cármen. **A abordagem etnográfica na investigação científica.** 2009. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902-03.pdf>> Acessado em: 20 de outubro de 2018

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Pesquisa da População em Situação de Rua**. Disponível em: <http://www.bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_populacao_situacao_Rua.pdf> Acessado em 05 de maio de 2019

NATALINO, Marco. **Estimativa da população em situação de rua no Brasil**. 2016. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/26102016td_2246.pdf> Acesso em: 13 de outubro de 2018.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo**. Editora Vozes. Petrópolis, Rio de Janeiro, 1998.

Palácio do Planalto. **Decreto nº 7.053/2009**. 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm> Acessado em 20 de maio de 2019.

PEREIRA, Potyara . **Política Social-temas e questões**. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

PEREIRA, Camila Potyara. **Rua sem saída: Um estudo sobre as relações entre o Estado e os moradores de rua de Brasília**. Monografia. Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, UNB, 2005.

PEREIRA, Viviane Souza. **Expressões da questão social no Brasil e população de rua: Notas para uma reflexão**. Libertas, Juiz de Fora. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/libertas/article/view/18194>>. Acesso em: 3 de abril de 2019.

Portal da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/admjor/arquivos/9encontro/CC_58.pdf> Acesso em: 29 de maio de 2016.> Acessado em: 16 de agosto. 2018.

Portal do Ministério dos Direitos Humanos. Disponível em: <<http://www.mdh.gov.br/navegue-por-temas/populacao-em-situacao-de-rua/acoes-da-politica-nacional>>. Acessado em 10 de agosto de 2018.

PRIMO, Alex F. T. **Interação Mútua e Interação reativa: uma proposta de estudo**. Revista Famecos, v. 1, n. 12, 2000. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3068/2346>>. Acessado em 10 de maio de 2019.

REGO, A. **Comportamentos de cidadania organizacional: fator de competitividade e/ou engenharia social? In: Competitividade através das pessoas**. Lisboa: RH Editora, p.7-23, 2002.

SANTOS, Daiane dos Santos. **O retrato do morador de rua da cidade de Salvador-BA: Um estudo de caso**. 2009. Disponível em <<http://www.aopmba.com.br/ckfinder/userfiles/files/ORetratoDoMoradorDeRua.pdf>> Acesso em 22 de maio de 2019.

SANTOS, Andreia. **O JORNAL =BOCA DE RUA= ESPAÇO DE POSSIBILIDADES PARA PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA: UMA REFLEXÃO DISCURSIVA CRÍTICA.** Disponível em:

<http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/15006/1/2013_AndreiaAlvesSantos.pdf> Acessado em 12 de abril de 2019.

SCHUCH, Patrice; MAGNI, Cláudia; KUNDEL, Iara. **Cadastro e estudo do mundo da população adulta em situação de rua de Porto Alegre/RS.** Disponível em:

http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/fasc/usu_doc/pesquisapoprua.pdf Acessado em abril de 2019.

STOFELLS, Marie-Ghislaine. **Os mendigos na cidade de São Paulo.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

SILVA, Gislene. **Para Pensar Critérios de Noticiabilidade.** 2005. Disponível em:

<<file:///C:/Users/user/Downloads/2091-6215-1-PB.pdf>>. Acesso em: 15 de outubro de 2019.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, Volume I: Porque as notícias são como são.** 2.ed. Florianópolis: Insular, 2005.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação.** 8.ed. Lisboa: Editorial Presença, 2003.

6- ANEXOS

Edição 1

=BOCA DE RUA=

Ano 1, número 6, dezembro de 2008 - Contribuição: R\$ 1.100

"MESMO O RELÓGIO PARADO ESTÁ CERTO DUAS VEZES POR DIA"

JOÃO BERTELO

VOZES DE UMA GENTE INVISÍVEL

O povo da rua passa fome, não tem saúde, dorme na rua, não tem educação, não tem emprego, não tem dinheiro, não tem nada. Mas o povo da rua não se dá por vencido. O povo da rua luta, luta para sobreviver, luta para melhorar a vida, luta para fazer a diferença. O povo da rua é resiliente, é forte, é corajoso. O povo da rua não se deixa intimidar, não se deixa derrotar. O povo da rua luta até o fim, luta até a morte. O povo da rua é a verdadeira força da sociedade, é a verdadeira voz da maioria. O povo da rua é invisível, mas não é impotente. O povo da rua é a esperança, o povo da rua é o futuro. O povo da rua é a luz no fim do túnel, o povo da rua é a vida.

Uma mulher que trabalha em uma fábrica de têxtil, uma mãe que cria sozinha dois filhos, um jovem que luta para entrar na universidade, um idoso que vive sozinho em um apartamento na periferia, um trabalhador que ganha pouco e trabalha muito, um estudante que não tem condições de pagar a matrícula, um artista que luta para fazer seu trabalho ser conhecido, um político que promete muito e entrega pouco, um jornalista que luta para contar a verdade, um ativista que luta por justiça social, um voluntário que dedica seu tempo para ajudar os outros, um cidadão que se preocupa com o bem comum, um líder que inspira e motiva, um herói que faz a diferença. Todos eles são o povo da rua, todos eles são invisíveis, todos eles são importantes. O povo da rua é a base da sociedade, é a verdadeira força que move o mundo. O povo da rua é a voz da gente invisível, a voz da maioria que não tem poder. O povo da rua é a esperança, o povo da rua é o futuro. O povo da rua é a luz no fim do túnel, o povo da rua é a vida.

Um jovem que trabalha em uma loja de roupas, uma mãe que cria sozinha dois filhos, um jovem que luta para entrar na universidade, um idoso que vive sozinho em um apartamento na periferia, um trabalhador que ganha pouco e trabalha muito, um estudante que não tem condições de pagar a matrícula, um artista que luta para fazer seu trabalho ser conhecido, um político que promete muito e entrega pouco, um jornalista que luta para contar a verdade, um ativista que luta por justiça social, um voluntário que dedica seu tempo para ajudar os outros, um cidadão que se preocupa com o bem comum, um líder que inspira e motiva, um herói que faz a diferença. Todos eles são o povo da rua, todos eles são invisíveis, todos eles são importantes. O povo da rua é a base da sociedade, é a verdadeira força que move o mundo. O povo da rua é a voz da gente invisível, a voz da maioria que não tem poder. O povo da rua é a esperança, o povo da rua é o futuro. O povo da rua é a luz no fim do túnel, o povo da rua é a vida.

Edição 2



Edição 7



Edição 12



Edição 17



Edição 21



Edição 25



Edição 27



Edição 32



Edição 35



Edição 36



Edição 41



Edição 45



Edição 48



Edição 52



Edição 54



Edição 59



Edição 63

=BOCA=>RUA=16
ANOS

IMPRESSO Ano XVI, número 63, abril, maio, junho 2017 - Preço: R\$ 2,00
Este jornal é vendido por: Não compre de crianças e adolescentes

AJURIS
2013



LUTO E LUTA

Os moradores de rua estão de luto e em luta para acabar com as mortes, agressões, espancamentos, linchamentos e queima de barracos que aumentaram muito em 2017.

Alice **BOQUINHOS** *Criança tem história*
Nesta edição elas constroem um Porto bem mais Alegre

Edição 66

=BOCA=>RUA=16
ANOS

IMPRESSO Ano XVII, número 66, janeiro, fevereiro e março 2018 - Preço: R\$ 2,00
Este jornal é vendido por: Não compre de crianças e adolescentes

AJURIS
2013



LIMPEZA URBANA
"LIMPEZA HUMANA"

Cidadãos, como Ezequiel, foram expulsos de suas casas na Aldeia do Harmonia onde 12 pessoas vivem pacificamente há anos. Ali o Departamento de Limpeza Urbana (DMLU) foi chamado para remover os moradores como lixo.

Alice **BOQUINHOS** *Criança tem história*
Nesta edição elas ensinam a autografar um livro

Edição 70

